

# A IMPORTÂNCIA DA NARRATIVIDADE NA PRIMEIRA INFÂNCIA

**Aluna: Isabela Lachtermacher**  
**Orientadora: Silvia Maria Abu-jamra Zornig**

## **Introdução**

As pesquisas desenvolvidas sobre a primeira infância nas últimas décadas (Stern, Downing, Bermudez, Golse, Trevarthen) indicam a importância das relações precoces entre o bebê e seus cuidadores fundamentais como determinantes para o processo de subjetivação da criança. A narratividade, aqui entendida como o processo verbal e não verbal de construção da história individual, familiar e social da criança, é a base da constituição psíquica do infante e se inicia antes de seu nascimento a partir das expectativas, sonhos e angústias de seus pais. O bebê inicia sua relação com o mundo através da musicalidade da voz materna, do toque e do cuidado que ela lhe proporciona e da identificação do adulto às suas necessidades afetivas. Ou seja, antes de apreender o conteúdo verbal e o sentido da narrativa, o bebê interage e entra em sintonia afetiva com seus cuidadores através da comunicação analógica, não verbal, que é baseada na forma, na musicalidade e no ritmo da comunicação.

A pesquisa desenvolvida em um abrigo do Rio de Janeiro teve como objetivo observar e analisar a qualidade do cuidado oferecido a bebês entre 6 e 18 meses por profissionais da instituição, buscando discutir a importância das intervenções direcionadas à primeira infância e seus desdobramentos. Através da observação participante e da divisão em duplas de trabalho, pudemos trabalhar com os bebês durante um ano e observar a mudança ocorrida na forma de interação entre os bebês e as cuidadoras a partir do trabalho desenvolvido por nós que teve como diferencial a narratividade, ou seja, a conversa com os bebês sobre sua rotina, seu ambiente e sobre nossas impressões. Sobre o brincar e as etapas de desenvolvimento psíquico e emocional esperadas por crianças dessa faixa etária.

## **Objetivos**

Investigar a importância da narratividade na construção da subjetividade infantil a partir da análise da bibliografia psicanalítica sobre a primeira infância ( D.W.Winnicott, B. Golse, G. Haag, entre outros) e da psicologia do desenvolvimento ( R. Spitz, D. Stern,).

Analisar a importância da narratividade nas intervenções direcionadas a bebês entre 6 e 18 meses.

## **Metodologia**

A pesquisa foi efetuada através de dois eixos principais

1.Eixo teórico, através do estudo de uma vasta bibliografia de autores como: W.D Winnicott, D. Stern, B.Golse, entre outros relacionados com o tema de relações objetais na primeira infância e narratividade, além de discussões semanais com o grupo de pesquisa e a orientadora responsável.

2.Pesquisa de campo, através das observações semanais da interação de bebês entre 6 e 18 meses com as cuidadoras da instituição Obra do Berço no Rio de Janeiro.

## **Desenvolvimento:**

A noção de narratividade pressupõe a construção de uma história através da narrativa de um sujeito sobre si mesmo e o ambiente a sua volta. No entanto, nos primórdios da vida, quando a capacidade de verbalização ainda não foi adquirida, e quando a relação da díade mãe - bebê é o que há de mais significativo, as experiências vividas pelo bebê são relatadas

através de seu repertório gestual. Golse (2003) sugere o termo *figuração* para indicar a representação da criança em seu próprio corpo, de um fato que acaba de ser vivido. Desta maneira percebemos como começa a ser construída a noção de “eu” através de um jogo corporal e comportamental do bebê, que conta à sua maneira, as seqüência interativas nas quais se encontra implicado, representando-se num momento muito precoce de narratividade.[2] A narratividade é assim, uma forma de construir uma relação entre fatos que estabelece uma continuidade e sucessão de acontecimentos necessários para a criação de uma temporalidade e de uma história.

Winnicott, no texto *A capacidade de estar só* (1983) cita a importância da segurança afetiva que permite à criança desenvolver a capacidade de ficar sozinha, não apenas no sentido físico, mas na medida em que consegue realizar outras atividades sem a necessidade ativa de seu cuidador. Esta habilidade se desenvolve gradualmente a partir da segurança estabelecida na relação primordial desenvolvida entre o bebê e quem exerce a função materna. “A habilidade de estar realmente só, tem sua base na experiência precoce de estar só na presença de alguém. Estar só na presença de alguém pode ocorrer num estágio bem precoce, quando a imaturidade do ego é naturalmente compensada pelo apoio do ego da mãe. À medida e que o tempo passa o indivíduo introjeta o ego auxiliar da mãe e dessa maneira se torna capaz de ficar só sem apoio frequente da mãe ou de um símbolo da mãe. [1]

Portanto, a narratividade se dá a partir das relações e interações importantes estabelecidas na primeira infância que ajudam o infante a estabelecer uma temporalidade contínua, sem muitas rupturas, propiciando um sentimento de confiança no mundo e de continuidade de existência. O cuidador precisa exercer o papel de narrador atento, ao comunicar e se relacionar com criança não só através da fala, mas também da linguagem corporal, pois desta forma ele propiciará uma base sólida para o trabalho de simbolização tão necessário para o desenvolvimento psíquico da criança.

Golse (2003) sugere que a narratividade é um processo de co-construção e de mutualidade. “É a questão do prazer compartilhado que se encontra aqui colocada. Só existe experiência possível de brincar junto sobre um fundo de um compartilhar de afetos e prazer. (...) O relato pelo adulto só tem sentido para a criança se o adulto que relata experimenta prazer na sua atividade de narrador, e é só no seio de um tal clima emocional que a criança e o adulto vão poder brincar de relatar, brincar com a narração, com seus desvios e reviravoltas. Todo brincar, relacional ou não, tem o valor de atividade de ligação; vemos bem como a narratividade do outro e o prazer que ele tira daí intervém como condição *sine qua non* do futuro do brincar da criança.”[2]

## Referências:

1. WINNICOTT, D. W., *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. bras. Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.
2. GOLSE, B. *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. Trad. bras. Inês Catão. 1ª ed. (Coleção 1ª Infância) São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.